



## **RIQUEZA E FERTILIDADE FILOSÓFICAS DO NEOPLATONISMO NO MEDIEVO**

O objeto da organização deste volume é apresentar ao pesquisador da história da filosofia os fundamentos e o quão rico e fértil são as contribuições do Neoplatonismo no decorrer da Idade Média



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Marcus Vinicius David – Reitor**  
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

**Instituto de Ciências Humanas**  
Robert Daibert Júnior – Diretor  
Leonardo de Oliveira Carneiro (*in memoriam*) – Vice-diretor

**Departamento de Filosofia**  
Nathalie Barbosa de La Cadena – Chefe de Departamento  
Pedro Calixto Ferreira – Coordenador do Curso  
Paulo Afonso Araújo – Coordenador do PPG em Filosofia  
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

**Faculdade de Direito**  
Aline Araújo Passos – Diretora  
Luciana Gaspar Melquíades Duarte – Vice-diretora  
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

---

É:  
**Revista  
Ética e  
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917  
e-ISSN: 2448-2137

**Comissão executiva**  
Antonio Henrique Campolina Martins – Editor  
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor  
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica  
Conrado Jenevaim Braga – Secretário

**Conselho Editorial**

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)	Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)	Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)	Luís Henrique Dreher (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)	Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Débora Mariz (UFMG)	Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)	Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)	Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Fábio Fortes (UFJF)	Pedro Merluzzi (UNICAMP)
Germán Martínez (Fordham University, NY)	Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Gustavo Arja Castañon (UFJF)	Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)	Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)	

# Sumário

## Apresentação

- Riqueza e fertilidade filosóficas do neoplatonismo no medievo: panorama da investigação contemporânea 1  
*Pedro Calixto*

## Artigos

- Exegese et dialectique chez Plotin: quelques remarques methodologiques 14  
*Mauricio Pagotto Marsola*
- Divergences et convergences entre Plotin et les gnostiques: un bilan 34  
*Jean-Marc Narbonne*
- O intelecto, os inteligíveis e a ignorância: hierarquia e polêmica antignóstica no tratado 32 (v, 5), 1 – 3, 2 de Plotino 49  
*Luciana Gabriela Soares Santoprete*
- Sementes para uma leitura transcendental da filosofia do neoplatonismo tardio 86  
*Danillo Costa Lima*
- O bem como fundamento na filosofia procleana 127  
*Suelen Pereira da Cunha*
- La misura dell'amore in Agostino 145  
*Maurizio Filippo Di Silva*
- Notas sobre a possibilidade de reflexos agostinianos na conceituação de teofania em João Escoto Erígena 162  
*Roberto Carlos Pignatari*
- Al-Kindi leitor da "teologia de Aristóteles" 178  
*Arthur Klik*
- "Frustra enim esset ratiocinativa inquisitio, nisi perveniret ad intellectivam unionem": investigação racional e união intelectual no *Super Mysticism Theologiam Dionysii* de Alberto Magno 202  
*Matteo Raschiatti*
- O "poema" do *Breviloquium*: pensamento e oração em São Boaventura 241  
*Emmanuel Falque*
- O estatuto da vida contemplativa e ativa na mística especulativa de Mestre Eckhart com base no Sermão 86, a excelência de Marta sobre Maria 271  
*Moises Alves*  
*Pedro Calixto*
- Fundamentos para se pensar a paz entre as religiões: um caminho a partir do *De Pace Fidei* de Nicolau de Cusa 302  
*Klédson Tiago Alves de Souza*  
*José Teixeira Neto*

Os três movimentos da luz na elevação intelectual pelo sensível em Nicolau de Cusa <i>Marcus Vinicius Carnivali de Araujo</i>	328
Le Dieu omnivoyant et l'objet de son voir chez Nicolas de Cues <i>Pedro Calixto</i> <i>William D. Sversuti</i>	348
Divina Caligo: l'influenza dello Pseudo-Dionigi nel neoplatonismo fiorentino <i>Jonathan Molinari</i>	375

## Traduções

Antropologia de Charles de Bovelles para o homem científico de hoje <i>Gainsi Grégoire-Sylvestre</i> Traduzido por <i>Manoel Abreu Fernandes</i> e <i>Pedro Calixto</i> .	395
Sermão 48 – O dia santificado (1445) <i>Nicolau de Cusa</i> Traduzido por <i>Pedro Calixto</i> e <i>William Davidans Sversutti</i>	413

## **RIQUEZA E FERTILIDADE FILOSÓFICAS DO NEOPLATONISMO NO MEDIEVO: PANORAMA DA INVESTIGAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

*Prof. Dr. Pedro Calixto<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora*

**Resumo:** Apresentar ao pesquisador da história da filosofia os fundamentos e o quão rico e fértil são as contribuições do Neoplatonismo no decorrer da Idade Média, o objeto da organização deste volume. Para tal foram mobilizados grandes especialistas da área que generosamente colaboraram na elaboração do presente número da Revista de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Juiz de Fora.

**Palavras-chave:** Neoplatonismo, Filosofia Medieval, Plotino, Gnosticismo, Proclo, Agostinho, João Escoto Erígena, Al-Kindi, Alberto Magno, Mestre Eckhart, Nicolau de Cusa, Ficino

**Abstract:** To present to the researcher of the history of philosophy the foundations and how rich and fertile are the contributions of Neoplatonism in the course of the Middle Ages, that is the object of the organization of this volume. To this end, great specialists in the field were mobilized who generously collaborated in the drafting of this volume of the Revista de Ética e Filosofia Política of the Universidade Federal de Juiz de Fora.

**Keywords:** Neoplatonism, Medieval Philosophy, Plotinus, Gnosticism, Proclus, Augustine, John Scotus Eriugena, Al-Kindi, Albert the Great, Master Eckhart, Nicholas of Cusa, Ficino

O que de fato significa neoplatonismo? Quais seus métodos, fundamentos e influências? Qual, enfim, o alcance metafísico, epistemológico, linguístico e ético-político dessa corrente importantíssima do pensamento ocidental que percorre toda a Idade Média? Eis as questões que guiaram a elaboração deste número da *Revista de*

---

<sup>1</sup> Professor de Metafísica e Filosofia Medieval na Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduado pela Universidade de Paris Sorbonne. Doutorado pela Universidade de Paris Sorbonne sob a orientação do professor Jean-François Courtine. Pós-doutor pela Universidade de São Paulo sob a orientação do prof. Moacyr Ayres Novaes. E-mail: [pedro.calixto@ufjf.br](mailto:pedro.calixto@ufjf.br).

*Ética e Filosofia Política* da Universidade Federal de Juiz de Fora<sup>2</sup> que aqui apresentamos.

Com efeito, se as obras de Platão e Aristóteles foram desconhecidas parcialmente ou totalmente durante grande parte desse milênio de pensamento filosófico que representa a Filosofia Medieval, o Neoplatonismo, ao contrário, é omnipresente; e é graças a ele que muitos dos conceitos centrais do pensamento antigo chegam até a Idade Média e fecundam a modernidade. De fato, como veremos, raros são os filósofos tanto de língua grega, quanto latina ou árabe que não sofreram a influência do pensamento neoplatônico. Mais profundamente: raras são as questões propriamente filosóficas levantadas durante a Idade Média que não tenham sido de alguma maneira suscitadas pelo Neoplatonismo. Seja para aprofundar, seja para suscitar questionamentos, ou para se opor, o pensamento neoplatônico é omnipresente durante esse longo período do pensamento ocidental e se tornou um interlocutor de primeira grandeza na elaboração dos grandes sistemas pelos pensadores medievais que influenciarão a filosofia moderna e contemporânea.

Num primeiro momento, o leitor terá uma oportunidade excepcional de compreender como se dá o nascimento do pensamento neoplatônico, essencialmente Plotino e Proclo, e seu diálogo com Platão, mas também com correntes de pensamento importantíssimas como o gnosticismo e o cristianismo.

O artigo que abre esse volume, intitulado *L'exégèse dialectique de Plotin*, escrito pelo Prof. Dr. Mauricio Pagotto Marsola (UNIFESP), analisa de maneira fina e aprofundada a afirmação segundo a qual, o fundador do Neoplatonismo, Plotino, se diz ser apenas um intérprete dos antigos e mais propriamente de Platão. Para compreender tal afirmação faz-se necessário uma investigação em profundidade dos procedimentos metodológicos e da atitude de Plotino face ao passado da filosofia, sabendo que o ponto crítico dessa exegese se situa na doutrina dos princípios como

---

<sup>2</sup> Agradeço ao Prof. Antonio Henrique Campolina por mais esse desafio em me confiar a edição do presente número. Aos meus amigos e colegas medievalistas, nacionais e internacionais, que não mediram esforços para apresentar generosamente aqui os resultados de longas e intensas pesquisas na área do Neoplatonismo Medieval, vão também meus mais sinceros agradecimentos.

hipóstases. O artigo demonstra, que o discurso plotiniano se configura como um processo exegético que se impõe a todo discurso filosófico. No entanto, a interpretação é mais que simples explicação, pois ela exerce uma função dianoética, visando respostas às questões e aporias propriamente plotinianas num duplo exercício de identidade e de diferença ou inovação, *anámnêsis* e *zêtesis*. Demonstra-se, assim, que a prática exegética da filosofia plotiniana se realiza no interior de uma dinâmica de busca de respostas à questão central que funda o neoplatonismo, a saber: porque o filosofar deve se dirigir rumo ao que está “além da essência” (*epékeina tês ousías*).

Na sequência, pesquisadores e estudantes encontrarão dois artigos preciosos para compreender como Plotino - fundador da henologia na qual o Uno exerce a função de princípio radical de toda multiplicidade - situa seu pensamento principalmente no que se refere ao dualismo gnóstico e ao cristianismo.

O primeiro desses dois artigos, também em francês, é intitulado *Divergences et convergences entre Plotin et les gnostiques* e foi escrito pelos professores doutores Jean-Marc Narbonne e Francis Lacroix (Universidade de Laval-Canadá). O presente artigo parte do contexto cultural de Alexandria, onde Plotino (nascido em Lycópolis, Egito c. 205 d.C., morre em Campânia, Império Romano em 270) perfaz sua formação junto a Amônio Sacas (c. 175 – 240/242 d.C., em Alexandria), tendo como condiscípulos Orígenes (possivelmente o Cristão) e Herênio. Plotino permaneceu onze anos em Alexandria. Em seguida, com a idade de 38 anos, juntou-se ao exército de Gordiano III a fim de se inquirir sobre o pensamento oriental, iraniano e indiano, segundo nos conta Porfírio, seu discípulo, em sua obra *Sobre a Vida de Plotino e a Ordem dos seus livros*, III. De volta, se instala em Roma com a idade de quarenta anos.<sup>3</sup> Além de informações essenciais para compreensão da formação do método e do pensamento plotiniano, o artigo de Jean-Marc Narbonne e Francis Lacroix se concentra em analisar detalhadamente o contexto cultural de Alexandria dessa

---

<sup>3</sup> Cf. Porfírio, *Vita Plotini*, 9. Cf. também Emma C. Clarke, John M. Dillon e Jackson P. Hershbell, (1999) *Iamblichus on The Mysteries*, page 20.

época. Ele nos revela que lá abundavam seitas cristãs e gnósticas das quais fazem parte os Sétios platonizantes, bastante próximos de Plotino ao ponto de Plotino ler em seus cursos textos oriundos do corpus de *Nag Hammadi*, como os *Zostrianos* e o *Allógenes*.<sup>4</sup> A questão que levanta o artigo é a seguinte: se Plotino conheceu as teorias gnósticas somente no momento em que redigia seus tratados antignósticos (30 [III 8]); 31 [V 8] ; 32 [V 5] ; 33 [II 9]) ou esteve em contato com esses textos desde seus primeiros escritos. Essa investigação visa o esclarecimento de uma questão de grande relevância: *se e como* o gnosticismo influenciou a formação do pensamento plotiniano. Os pesquisadores nos levam a compreender, de maneira inédita, que as especulações gnósticas exercem um papel fundamental para uma boa compreensão do sistema filosófico plotiniano no que se refere a pontos cruciais: sua metodologia, a simplicidade e a infabilidade do Princípio primeiro, o caráter contemplativo da “metafísica henológica” emanatista, o conceito de emanção integral, a teoria da tríplice humanidade e, enfim, a soteriologia.

O segundo artigo, dedicado aos fundamentos da doutrina plotiniana, foi escrito pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Luciana Gabriela Soares Santoprete (CNRS, ou seja, CNPQ francês). Originariamente escrito em francês, o artigo foi traduzido em português pela própria pesquisadora e revisado por mim. Seu título, *O Intelecto, os inteligíveis, e a ignorância: hierarquia e polêmica antignóstica no Tratado 32 (V, 5), 1 – 3, 2 de Plotino*, revela de imediato que serão abordados dois conceitos complexos, mas de suma importância para a compreensão do sistema plotiniano, a saber: o conceito de intelecto e o conceito de inteligível. Ela o faz estabelecendo as consonâncias e dissonâncias entre o Plotino e os gnósticos principalmente no quesito ignorância, demonstrando de maneira minuciosa e apoiada em textos-chave do *Tratado 32*, contra os gnósticos, que Plotino considera contraditório conceber a ignorância no interior dos inteligíveis. Conceber que a ignorância seja o princípio do mundo sensível é incompatível com sua concepção do Primeiro Princípio, incompatível com a natureza do intelecto e

---

<sup>4</sup> Para mais informações sobre os textos de Nag Hammadi ver J. C. Dias Chaves, *A Biblioteca Copta de Nag Hammadi*, in *Oráculos*, São Bernardo do Campo, 2.4, 2006.

com a própria ordem e beleza do sensível. Compreende-se, então, algo essencial para as pesquisas neoplatônicas atuais: é refutando elementos capitais da seita gnóstica valentiniana que Plotino define o estatuto do intelecto e do universo inteligível e a hierarquia ontológica dos níveis da realidade. Uma relação inédita notável é estabelecida entre a polêmica plotiniana antignóstica e a obra *Contra as Heresias* de Irineu de Lião (ca. 130-202). Esse artigo, que exigiu uma grande erudição por parte da pesquisadora, constitui uma contribuição preciosa para futuras investigações quanto à relação entre Plotino e a Patrística Grega.

Danilo Costa Lima (PUC-SP), em seu artigo minucioso e extremamente documentado, intitulado *Sementes para uma Leitura Transcendental da Filosofia do Neoplatonismo Tardio*, investiga a pertinência de uma interpretação do estatuto anagógico da alma no pensamento de Proclo como uma das origens possíveis da filosofia transcendental. O pesquisador demonstra que a *autokinêsis* (automobilidade) constitui a natureza essencial da alma racional, ainda que enquanto corpo animado a alma se encontra submetida à *heterokinêsis* (ser movida por outro). Assim sendo, é apenas *aparentemente* que sua natureza, vontade e conhecimento são determinados extrinsecamente, ainda que seus atos temporais de autorreflexão falhem em atualizar as razões e conceitos que constituem sua substância própria. Mas, segundo o autor, é essencial compreender que todo juízo quanto ao bom, ao belo e ao justo só podem ser feitos em nós por alguma noção substantiva “a priori” do bem, do belo ou do justo. Enfim, o autor demonstra que a finalidade das ciências *dianoéticas* é conduzir os movimentos anímicos independentemente das sensações, habituando a alma a olhar para si mesma e para suas razões imateriais, uma vez que as informações trazidas a ela pelos sentidos são constituídas *hic et nunc* e, portanto, sempre divisíveis, particulares e mutáveis. Mas é necessário compreender que psicologia e corporeidade não se opõem, mas se completam. O puro pensamento intelectual e unitivo atingido pela “flor do intelecto” (*anthos nou*) não independe da “flor da alma” (*anthos tês psukhês*). Sem as imagens desta, aquela não pode se estabelecer no silêncio da clara visão intelectual e, mais além, no silêncio mediante o princípio inefável. Demonstrar

em detalhe como se dá o movimento anagógico e a *enôsis* ou união da alma com o Princípio radical de tudo no pensamento de Proclo, eis o grande mérito deste importante artigo cuja leitura é por demais aconselhada.

No entanto, o que significa de fato a afirmação segundo a qual o movimento anagógico nos conduz ao Princípio? Como podemos intuir o que seja a existência a partir do Princípio? Qual o estatuto do Mal em tal pensamento? Responder tais questões constitui a finalidade do artigo *O Bem como fundamento na filosofia procleana*, escrito pela Professora Suelen Pereira da Cunha (Universidade Federal do Ceará). A pesquisadora demonstra as dificuldades em conceber o universo a partir de uma única causa, o Bem, e nos explica com bastante clareza que para uma compreensão justa do pensamento procleano quanto ao Princípio, é necessário que levemos em conta três esferas distintas, mas indissociáveis: uma primeira versa sobre a necessidade lógico-ontológica da unidade principial; a segunda versa sobre as modalidades epistemológicas de se atingir a unidade; enfim, a terceira e última esfera pressupõe que a alma investigante pense o Uno como bem, ou seja, como princípio da moral. Essa última vertente é a condição *sine qua non* da impossibilidade da existência de um princípio ou ser essencialmente mal.

Essa problemática quanto a essencialidade ou inessentialidade do mal no neoplatonismo e suas consequências têm férteis repercussões éticas no pensamento de um dos autores cujo pensamento se apresenta como uma fonte de inspiração filosófica durante toda a Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade, a saber: Agostinho de Hipona (Nascido Tagaste, província romana de Cartago, em 354 d.C. e morto em Hipona 430 d.C.). Para aprofundar tal questão, o Prof. Dr. Maurizio Filippo Di Silva, da Universidade Federal do Paraná, nos apresenta um excelente artigo em italiano, intitulado *La misura dell'amore in Agostino*. Partindo das teses defendidas por A. H. Armstrong em seu artigo *Neoplatonic Valuations of Nature, Body and Intellect*<sup>5</sup>, o autor, se apoiando sobre duas grandes obras (*De Libero Arbitrio I e*

---

<sup>5</sup> ARMSTRONG, A.H. Neoplatonic Valuations of Nature, Body and Intellect. *Augustinian Studies*, 3, pp. 35-59, 1972.

*Confissões X*), demonstra que a filosofia agostiniana promove uma atitude positiva quanto ao mundo sensível e ao corpo. Tais análises são fundamentais para abandonarmos algumas opiniões infundadas que veiculam uma ideia errônea quanto ao neoplatonismo e sua influência. Com efeito, o Prof. Maurizio enfrenta de imediato um ponto capital deste preconceito: o pecado original. É fundamental compreender que, para Agostinho, agir bem nada mais é que amar os bens eternos e não abandonarmos os bens terrenos e, em contrapartida, dominar nossas paixões ou desejos nefastos consiste, não em desprezo do sensível, e sim em realização da natureza humana. Em suma, o ponto culminante do artigo se encontra na demonstração da necessidade de articular e não opor dois conceitos capitais da ética agostiniana: *uti e frui*. Assim sendo, o domínio das paixões não deve ser entendido como distanciamento do mundo sensível, mas como uma proposição ética, ou seja, proposição de uma relação justa com o corpo, os outros e o mundo que nos envolve.

O Prof. Dr. Roberto Carlos Pignatari, pós-doutorando da Universidade de São Paulo, contribui para o enriquecimento do presente volume abordando um momento capital de confluência entre o Neoplatonismo Cristão Grego (Dionísio Areopagita – teólogo e filósofo bizantino sírio do fim do século V e começo do século VI) e o pensamento de Agostinho, profundamente influenciado pelo grande discípulo de Plotino, o filósofo libanês Porfírio (ca. 234 em Tiro – ca. 304 em Roma). Esse momento de confluência dessas duas vertentes do pensamento neoplatônico se dá exatamente no Renascimento Carolíngio. Mais precisamente, ela é patente numa obra de grande importância pelo seu teor filosófico, o *Periphyseon* ou *A Divisão da Natureza* do filósofo irlandês, João Escoto Erígena (nascido ca. 800 na Irlanda e morto em ca. 866 em Paris ou na Inglaterra). Erígena, enquanto tradutor e comentador das obras de Dionísio, foi profundamente marcado pelo neoplatonismo grego num momento em que a filosofia agostiniana era predominante no ocidente latino. A influência do neoplatonismo grego em sua obra é bastante difusa, mas três elementos parecem capitais: sua concepção do princípio como nada de ente ou não-ser (ruptura com Agostinho); sua delimitação da validade das categorias ao domínio

dos entes, isto é, do finito<sup>6</sup>; enfim, elaboração do conceito de *teofania* a fim de conceber o mundo como finitização do infinito, afirmação da negação ou *Dei aparitio*. Ora, é justamente para dar nuances à última destas teses que se consagra o artigo do pesquisador Roberto C. Pignatari, intitulado *Notas sobre a possibilidade de reflexos agostinianos na conceituação de teofania em João Escoto Erígena*. Com efeito, como dito anteriormente, a presença do pensamento agostiniano, o qual defende a tese de que Deus apenas é absolutamente, é bastante difusa e sua influência pouco manifesta e segura. Nosso autor demonstra que a revisão das categorias feitas por João Escoto Erígena deve ser pensada como radicalização de uma primeira reestruturação das categorias ônticas de Aristóteles que se dá no livro *De Trinitate* de Agostinho. Mais: esta reestruturação onde algumas categorias não podem absolutamente serem aplicadas ao Princípio radical de tudo, faz uma exceção à categoria da relação. Ela tem como consequência, segundo o pesquisador, que já em Agostinho estamos diante de uma ontologia onde a dimensão teológica deve introduzir a categoria da relação, ou seja, uma ontologia relacional. O presente artigo tem o mérito de explicitar a herança patrística latina na *mè-ontologia* ou *meta-ontologia* presentes no *Periphyseon* de João Escoto Erígena. Ele demonstra que mesmo tendo iniciado sua obra prima pela polaridade ser (finito) – não-ser (Deus ou infinito), cada um desses polos só pode ser enunciado e inteligido de modo relacional e recíproco. O ápice desse movimento intelectual se dá com a elaboração do conceito de *theo-phania*, ou seja, aparição de Deus, graças ao qual o mundo é vislumbrado como expressão divina.

Ficou evidente ao leitor do presente volume que o Neoplatonismo, com os pensamentos de Dionísio, Agostinho e Erígena, está muitíssimo presente na Alta Idade Média latina e grega. Mas não somente! Com efeito, o artigo *Al-Kindi leitor da “Teologia de Aristóteles”*, do Prof. Dr. Arthur Klik (Universidade Federal de Lavras) demonstra a complexidade e extensão da influência neoplatônica no período

---

<sup>6</sup> Cf. P. Calixto, *Négation et connaissance catégoriale chez Jean Scot Erigène*: in *Dissertatio Revista de Filosofia*, vol. 10, 2020.

medieval. Ele funda sua demonstração na análise da obra considerada como *Teologia de Aristóteles*, cuja autoria foi atribuída ao próprio filósofo grego e que, na realidade, constitui uma paráfrase de parte das *Enéadas* de Plotino. Essa confluência de tradições heterogêneas teria, segundo o autor, exercido papel preponderante na elaboração de um esquema argumentativo na reapropriação do pensamento propriamente grego no Islã nascente pelos árabes no século VI. Essa paráfrase neoplatônica circulou sob a autoridade de Aristóteles e influenciou diretamente a obra importantíssima e inacabada *Filosofia Primeira* de Al-Kindi (nascido em Cufa e morto em 873 em Bagdade), a qual se apropria da tese central do Neoplatonismo de que o Uno é o princípio criador e providente que sustenta o Universo na sua totalidade.

O artigo '*Frustra enim esset ratiocinativa inquisitio, nisi perveniret ad intellectivam unionem*': investigação racional e união intelectual no *Super Mysticam Theologiam Dionysii* de Alberto Magno, escrito pelo Prof. Dr. Matteo Raschiatti (UFABC), demonstra a presença do neoplatonismo na primeira grande síntese da recepção das obras aristotélicas. Com efeito, Alberto Magno (nascido em ca. 1193 na Baviera e morto em 1280 em Colônia), ao se inscrever na linhagem da mística dionisiana, constitui o fundador do Neoplatonismo na Escolástica em pleno Renascimento do século XIII, momento em que se dava a redescoberta das obras de Aristóteles no Ocidente latino. Num primeiro momento, o pesquisador estabelece uma análise da recepção da *Corpus Areopagiticum*, principalmente do *De Mystica Theologia*, nos comentários latinos de Dionísio. Em seguida, depois de fazer uma análise da estrutura da obra em questão, ele investiga acerca do conceito de mística no pensamento de Alberto Magno a fim de esclarecer a importantíssima questão da relação entre *affectus* e *intellectus*.

Na sequência, essa relação entre *affectus* e *intellectus* recebe um tratamento de exceção no longo e aprofundado artigo do Prof. Emmanuel que traduzimos da língua francesa para o português. Numa análise fina da importantíssima obra do grande filósofo Boaventura. Comumente conhecido como Doutor Seráfico. Frade

Franciscano nascido em 1218 em Bagnoregio. Trabalhou e estudou em Paris na mesma época que Tomás de Aquino. Faleceu em 1274. Com o pensamento franciscano em geral, mas com Boaventura em particular, os movimentos contemplativos oriundos do Neoplatonismo começam a tomar novos rumos. Com efeito, o pensamento do Doutor Seráfico, assumindo profundamente os de Francisco de Assis, gira em torno de uma tese central: não basta ler sem unção, especular sem devoção, pesquisar sem se maravilhar, trabalhar sem piedade, ter ciência sem caridade, inteligência sem humildade: “Meu claustro, é o mundo”<sup>7</sup>, diz São Francisco de Assis à Dama Pobreza. Esta última citação é o epicentro do artigo de Emmanuel Falque que demonstra que, para Boaventura, o movimento contemplativo deve integrar em si diferentes: devoção e contemplação, ou seja, teoria e oração. Pensamento e oração não somente não devem se opor, mas se identificam, pois devem ser praticados simultaneamente. Em apoio à sua tese, o autor demonstra que a obra *Itinerário*, do mesmo autor, escrita em 1259, é um tratado de teologia, mas que foi escrita durante um retiro espiritual no Monte Alverne. Da mesma forma o *Breviloquium*, escrito durante os anos de ensinamento no convento de Cordellier, em Paris (1253-1257), não pode ser compreendido sem a unificação dessas duas modalidades discursivas que Aristóteles opunha: o modo predicativo de discurso, discurso apofântico, e o modo não apofântico de discurso (a oração). Todo o mérito do artigo do pensador Falque está em fazer uma análise aprofundada do *Breviloquium* demonstrando fenomenologicamente a necessidade desta união para uma boa compreensão desta breve *Suma de teologia*.

O artigo do jovem pesquisador Moisés Alves (UFJF), que tenho o imenso prazer de orientar, aprofunda esta questão da relação entre ação e contemplação. Para um bom entendedor o interesse da questão se evidencia de imediato no título escolhido para

---

<sup>7</sup> Francisco de Assis, « Sacrum commercium » (Comércio sagrado de São Francisco com a Pobre Senhora), em Saint François d’Assise, Documents, Paris, Éditions franciscaines, 1968, § 63, p. 1309 : « Ao se levantar, Pobre Senhora demanda ao bem aventurado Francisco e aos seus irmãos que se lhe mostrasse o claustro. Eles a conduziram sobre a colina e a fizeram admirar um panorama esplêndido. - Senhora, disseram eles, eis o nosso claustro » (Tradução nossa. Citado pelo artigo de E. Falque).

o artigo: “*O estatuto da vida contemplativa e ativa na mística especulativa de Mestre Eckhart com base no Sermão 86, A Excelência de Marta sobre Maria*”. Nós sabemos pertinentemente que a atividade do intelectual nas universidades medievais nascentes, implicava a *lectio*, *disputatio* e a *praedicatio*. Ora, nesta última nós encontramos a dimensão ética do que se desenvolve nas duas primeiras. É baseado nas obras alemãs (*Deutsche Werke*) do filósofo e místico dominicano que Moisés Alves funda sua tese central: Mestre Eckhart (Turíngia, 1260 – Colônia, 1328) desenvolve um novo paradigma na relação entre teoria e prática.

Essa investida do Neoplatonismo no campo da filosofia prática se faz presente não somente no campo da ética, mas também na política. É o que demonstram os pesquisadores Klédson Tiago Alves de Souza (Universidade de Coimbra) e o professor Dr. José Teixeira Neto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) no artigo *Fundamentos para se Pensar a Paz entre as Religiões*. Partindo de uma análise do *De Pace Fidei* de Nicolau de Cusa (nascido em Bernkastel-Keus na Alemanha em 1401 e morto em 1464 em Todi na Itália) ou autores demonstram que, para Nicolau de Cusa, as divergências e guerras entre religiões e nações revelam na realidade os limites inerentes à natureza humana. Compreender que o Absoluto se encontra num plano infinito e incompreensível abre horizontes para uma possível tomada de consciência de que nossos dogmas políticos e religiosos são apenas conjecturas para o reconhecimento de nossa ignorância intransponível. Tal consciência de nossa ignorância nos tornaria doutos e sábios e, nossas relações, menos violentas.

Esse reconhecimento de nossa finitude e de nossos limites não impede que sejamos habitados pelo Absoluto. O movimento do finito ao infinito é ele próprio infinito: o processo de ascensão não deve estagnar. É o que demonstram os próximos artigos: 1) *Os Três Movimentos da Luz na Elevação intelectual...*; 2) *Le Dieu omnivoyant et l'objet de son voir chez Nicolas de Cues*. O primeiro, escrito pelo pesquisador da (UFJF), Marcus Vinicius Carnivali de Araújo, estabelece uma análise da obra *De Quaerendo Deum* (*Sobre a busca de Deus*) de Nicolau de Cusa com uma atenção especial à questão da luz enquanto possível mediação estética, guiando o sensível ao inteligível e o

inteligível ao Absoluto. Escrito com muita clareza e precisão, o presente artigo demonstra que a consciência de nossos limites em “apreender” o Princípio radical de tudo não é obstáculo ao movimento anagógico. Com efeito, o autor associa, no decorrer de sua pesquisa, que é de suma importância associar o termo *teofania* herdado do filósofo irlandês João Escoto Erígena com o fenômeno da luz através de uma contemplação estética, pois a luz que presente já no sensível e no inteligível é o que permite a ascensão, pois sua invisibilidade infinita é o que permite em todos os níveis sensitivos e cognitivos a visibilidade finita.

O segundo artigo foi escrito pelos pesquisadores William David Sversuti (Universidade Federal do Paraná) e pelo Prof. Dr. Pedro Calixto (Universidade Federal de Juiz de Fora) e é intitulado *Le Dieu omnivoyant et l'objet de son voir chez Nicolas de Cues*. Nele se investiga, a partir da obra *De Filiatione Dei, De Visio Dei...* que, segundo o Cardeal, o princípio simplesmente hipotético da não-contradição deve ser fundado e substituído pelo princípio da coincidência dos opostos e do contraditório. O princípio metalógico da *docta ignorantia* está intimamente relacionado com a visão teofânica. A novidade do pensamento de Nicolau de Cusa com relação ao neoplatonismo está justamente em sua tentativa em utilizar a *via negativa* não mais em vista de uma êxtase do mundo, mas para contemplar o mundo como *Dei apparitio* ou finitização do Infinito. Essa tese forte, abre horizontes para a linguagem filosófica que não se contenta mais com o discurso quiditativo e apofântico ou predicativo, mas abandona o anonimato defendido pela tradição neoplatônica através da formulação de nomes inéditos como *Li Non-Aliud* (O Não-Outro) e *Possest*, nome atribuído a Deus na *Triologus de Possest*. Nicolau de Cusa foi um dos últimos pensadores medievais e sua obra se apresenta como uma transição para o Renascimento. Por esse motivo consideramos de suma importância a inserção dos dois últimos artigos. O primeiro sobre o renascimento italiano e o segundo sobre o renascimento na França.

O primeiro, em italiano, é intitulado *Divina Caligo. L'influenza dello Pseudo-Dionigi nel Neoplatonismo Fiorentino* e foi escrito pelo Prof. Dr. Jonathan Molinari (UFP). Como

sabido, Marsílio Ficino (1433-1499, Itália) e Pico della Mirandola (1463-1494, Itália) são os maiores representantes do Humanismo florentino. A presente investigação tem como escopo a compreensão das fontes neoplatônicas durante o Quattrocento. Num primeiro momento, ela se concentra nas relações entre os dois pensadores, Pico e Ficino, a fim de esclarecer a importante questão da recepção das obras de Platão e do Neoplatonismo no Renascimento. Em seguida, ela demonstra em que sentido a influência do pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274) exerce, via Giovanni de Napoli, uma forte divergência na recepção da obra de Dionísio Areopagita.

O artigo do Prof. Dr. Grégoire-Sylvestre Gainsi (Universidade de Poitiers-PUC Paris), *Antropologia de Charles de Bovelles para o homem científico de hoje*, tem dois objetivos bem distintos. Ele visa, primeiramente, nos esclarecer como o Neoplatonismo fecunda a visão humanista de Charles de Bovelles (matemático e filósofo francês, 1479-1566). O autor mobiliza um conceito-chave para a compreensão da antropologia de Charles de Bovelles, a *philautia*, ou seja, amor de si. Compreende-se, então, que no Renascimento o Neoplatonismo, com a descoberta das obras de Platão, intensifica a interrogação sobre a condição humana. E, por outro lado, nos leva a compreender que a ciência deve perseguir seu escopo primeiro que é servir ao homem e não ocultar sede de infinito que o habita essencialmente.

Por fim, este volume, visando o enriquecimento das obras oriundas do Neoplatonismo medieval, se conclui com uma tradução inédita diretamente do latim de uma importante obra de Nicolau de Cusa: o *Sermo XLVIII – Dies sanctificatus illuxit nobis*, realizada por Pedro Calixto e William D. Sversuti. O original latino acompanha a tradução.